

Esse depoimento do ilustre procurador da República não só entra em choque com a obra poética de Augusto dos Anjos, que é toda ela um brado de tormento, como desmente Órris Soares, Raul Machado, Santos Neto, José Américo de Almeida, Alvaro de Carvalho, Celso Mariz e outros dignos paraibanos que conheceram de perto o autor do *Eu* e sobre ele escreveram. São todos concordes em afirmar que Augusto se singularizava pelo seu temperamento retraído, homem caladão, agreste, misantropo, que não se abria nem mesmo para os melhores dos seus amigos.

Mas há coisa pior, muito pior, na descaracterização do retrato que Ademar Vidal faz de Augusto. Parece até obra arquitetada para demolir o poeta, quando na verdade a intenção do autor era a de fazer o elogio. Às vezes, acontece isso. O indivíduo vai louvar outro e o ofende barbaramente.

A aula funcionava na sala da frente. Mal o aluno chegava, o professor ia logo tirando a chinela dos pés e, sentado no sofá, de pernas cruzadas, naquela postura de Buda, começava a explicar a lição. Enquanto falava, os dedos das mãos mexiam nos dedos dos pés. Em seguida, como se isso não bastasse, metia o indicador no nariz até limpar por completo as fossas nasais. Não raro, passava a esgaravatar os dentes com as unhas. Esse lastimável quadro o autor pinta na página 15 e não satisfeito com tamanho opróbrio repete na página 22.

Diz ainda que Augusto era guloso. Quase sempre, durante a aula, comia beiju e angu de carço. No tempo de manga chupava essa fruta com um tamanho apetite que ficava com a cara inteiramente lambuzada.

A exemplo de Humberto Nóbrega, empenha-se em apresentar o poeta como o mais amoroso dos filhos de Sinhá-Mocinha. Bate nesta tecla uma centena de vezes, como se o livro tivesse por principal objetivo agradar a família do poeta. Os compromissos do autor, a este respeito, estão manifestos na obra e ressaltam a cada passo dos elogios feitos a todos os membros da família. Além do mais, confessa haver recebido dessa mesma família as informações que fornece e toda a correspondência doméstica divulgada no livro.

Na opinião de Ademar Vidal, repetida, aliás, muitas vezes, Augusto dos Anjos foi um homem absolutamente normal, dotado de sentimentos efusivos, sem a menor sombra de angústia que lhe toldasse o espírito.